

As cores falam todas as línguas (Joseph Addison)

Tá acabando o Outubro Rosa, chegando o Novembro Azul... Setembro foi amarelo. Dezembro é vermelho, né?! E Janeiro, branco, claro! Certo? Sim, e é desse jeitinho mesmo!

Às vezes fica até um pouco confuso na divulgação, pois há uma mistura sobre a prevenção ou a conscientização – e em consequência a promoção da prevenção - do tema do mês, mas o fato é que todos contemplam questões de saúde que, embora sejam **pautas de extrema importância, ainda são relativamente sensíveis** de abordar em suas diversas nuances **no seio social**. Suicídio, câncer, HIV/AIDS e IST's, saúde mental e emocional... Quando trazidos à tona associados às cores, esses **assuntos** não deixam de ser **pesados**, mas ganham espaços que em outras circunstâncias causam mais desconforto, ou até mesmo **tendem a ficar mais envoltos em contextos** nos quais sejam **mais limitados aos redutos "próprios"**.

As cores nos causam sensações e estamos imersos numa combinação infinita de ambas. É válido (e necessário) que nos seja dito visualmente as **conexões** que se pretendem quando algo nos é apresentado. No entanto, quando permitimos que esses **estímulos e referências** ditem o nosso **entendimento de vida**, é sinal de alerta. Johann Wolfgang von Goethe, polímata alemão, lá em 1810, a partir de uma via metodológica de estudos **diferente da cartesiana**, criou a **Teoria das Cores**. Ancorada na fenomenologia, ela **sustenta que tudo está conectado**, inserido em um contexto maior, no todo. Assim, **a experiência visual é**, na verdade **uma relação do sujeito com o objeto, com o mundo que o cerca**. Classificações e subdivisões à parte, queremos chamar a atenção para o fator percepção. Certamente que a sistemática dos padrões de composição das cores confere **características objetivas e mensuráveis**, daí a possibilidade da elaboração de design a partir do estudo das cores, suas **posições no círculo cromático** para combinações, além de elementos tais como pureza, contraste, saturação, etc. **Habilidades para reconhecimento** de tonalidades e repertório **podem ser treinados**, mas são adquiridos ao longo da vida, tornando portanto o fator percepção singular no sentido mais genuíno da palavra.

A maneira com que enxergamos e combinamos nossas cores interiores e, conseqüentemente, **as refletimos para o exterior**, seria a **nossa visão de mundo**, a nossa **percepção**. Rotineiramente **nossas emoções têm sido moldadas** ora pelo mercado de fast food, ora pela campanha da saúde, ora pela data comercial do calendário, ora pela comemoração romântica que, **se utilizando da mesma cor, alia a ela um contexto e**

mensagem e diga que com aquela cor “agora é a vez de sentir isso”. Num momento posterior parece não conseguirmos um comportamento diferente, uma dissociação, uma resignificação e tão somente a reprodução daquele padrão. Poderíamos tentar encaixar algum grau de particularidade, individualidade, mas embaraçoso descrever a capacidade que temos de colorir nossas vidas de uma forma tão “individualmente bem copiada”, em um balé de coincidências tão incríveis, numa sincronia de “originalidades” tão igualmente assustadoras, sem escorregar no óbvio. Até onde é a psicologia das cores agindo, ou o piloto automático, a conveniência do pertencimento, o "efeito manada", ou desconexão com a individualidade?

O viver não é a apresentação de um trabalho, num painel onde eu indico que “tal cor é melhor”, “assim é mais bonito”, “assado é mais agradável”, “tal cor significa x”, “y cor significa aquilo”. Quando interna e pessoal, essa relação é (ou deveria) ser intrínseca ao indivíduo: uma construção de natureza essencialmente orgânica, cujos (re)significados sejam fluidos, dinâmicos, livres, respeitados e também acolhidos. Ainda que exista uma “lógica” por trás, a manifestação da expressão do que o outro vê, não deve ser colocada sob crivo; não quando se tratar do aspecto pessoal de valor daquela pessoa, pois seria pretensioso querer quantificar o quão verde deve lhe parecer a relva, se tão verde quanto eu enxergo, se exatamente na mesma tonalidade quanto eu julgo estar... Portanto, quando se trata da individualidade, é com zelo e respeito que o outro deve ser visto.

Entre o claro e o escuro, que contempla os extremos de branco e preto, existe uma escala infinita de cinza; em um esquema de saturação, usa-se diferentes graus de intensidade, tom e luminosidade de uma única cor e se obtém degradês e variedades lindíssimas em composições. As cores que apeteçam as pessoas são as que lhes tenham sentido e componham seu mundo particular, pois essa é a forma de existir do sujeito no mundo. Portanto, com uma única cor, consegue-se infinitos graus de profundidade de expressão. Entretanto, ao se acostumar às repetições, é natural que pareça estranho e fora do tom se as peças não agem conforme a harmonia do tabuleiro. Talvez seja por isso que pessoas que reproduzem padrões estabelecidos e referenciados do que é tendência, “a cor do ano”, não entendam o porquê de outras simplesmente não terem achado lá esse hit todo, não surfarem as ondas das expectativas da próxima bola da vez, e achem mais conveniente considerar que estas “só querem contrariar, serem diferentes”, afinal, se foge ao entendimento de quem não vivencia, é questionável. De fato, recuperar essência e autenticidade parece cada vez mais distante.

Estamos na primavera, a natureza real explode lá fora, mas ironicamente aprendemos a apreciá-la pronta, recortada e editada nas telas dos dispositivos digitais, nas fotos tratadas, nas paisagens contextualizadas com os lugares que estamos e queremos expor nas redes. Da mesma forma, temos a cartilha de explicações para o que é agradável ser contemplado e

o que não, como deve, de qual ângulo. **Desaprendemos a desfrutar as coisas como elas são e estamos cada vez mais refinados enquanto editores da vida. Assim seguimos, querendo colorir o mundo, a vida das pessoas à nossa maneira como condição para não as descartar. Muitas vezes somos nós mesmos abrindo mão das nossas cores para sermos parte da paleta mais bonita, mais hit do momento. Isso quando não acabamos, simplesmente pelo cansaço, nos limitando a entregar nossa página em branco, dispostos a aceitar o que nos for devolvido.**

Todos os dias temos uma nova tela a colorir. **Quem dita suas cores?** O que deve ser combinado, sentido? Você se permite criar, ressignificar, misturar...? Assim pode, assim não, porque essa significa isso, e aquela, aquilo. **Qual tem sido o nível de referência, influência, anuência ou prevalência dos padrões na sua vida?**

Lembre-se: viver é uma arte, sua arte. Sua tela em branco é sua. Para efeitos de vida, aquele branco também é uma “cor” e tem um significado. Qualquer participação, sobreposição, interferência, apenas se solicitadas e/ou quando permitidas.

E para trazer um pouquinho de cor para você hoje, temos essas duas lindas indicações que valem a pena você dar uma olhadinha:

Consegue ver com os nossos olhos agora? – Nunca será como ver igual com **NOSSOS** olhos. O mundo de ninguém é igual, as cores que cada um vê está no coração. Caiu um olho na minha lágrima aqui! E aí?

Patch Adams no Roda Viva - Você já tinha visto o Patch Adams falar sobre o trabalho dele? É sobre colorir o mundo com a verdade! Assista essa linda entrevista ☺

Boas leituras! Boas reflexões!

Fique à vontade para entrar em contato: pequi.lab@goias.gov.br
Inscreva-se para receber as próximas edições. Encaminhe para quem você acha que pode gostar.
Ajude-nos a fazer esse conteúdo chegar a mais pessoas.

Um abraço.

PequiLab

Laboratório de Inovação em Governo


pequiNEWS é uma iniciativa de microlearning do PequiLab voltada à disseminação de conteúdos relacionados à inovação em governo para fomentar uma nova forma de pensar e agir nos servidores públicos.



 pequi.lab@goias.gov.br

 62 | 3201-4525

 www.escoladegoverno.go.gov.br

 @escoladegovernogo

 62 | 3201-9263